

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JOEL LUÍS MELCHORS**

**Análise territorial da cadeia produtiva do arroz orgânico no Assentamento  
Integração Gaúcha - Eldorado do Sul/RS**

**Porto Alegre  
2013**

JOEL LUÍS MELCHIORS

**Análise territorial da cadeia produtiva do arroz orgânico no Assentamento  
Integração Gaúcha - Eldorado do Sul/RS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia, Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Rosa Maria Vieira Medeiros

PORTO ALEGRE  
2013

Melchiors, Joel Luís

Análise territorial da cadeia produtiva do arroz orgânico do assentamento Integração Gaúcha – Eldorado do Sul -RS / Joel Luís Melchiors - Porto Alegre : UFRGS, 2013.

[38 f.] il.

Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia. – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2013.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria Vieira Medeiros

1. Cadeia produtiva. 2. Arroz orgânico. 3. Agroecologia. 4. Assentamentos I. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Miriam Alves CRB10/1947

**TERMO DE APROVAÇÃO**

JOEL LUÍS MELCHORS

**Análise territorial da cadeia produtiva do arroz orgânico no assentamento  
Integração Gaúcha - Eldorado do Sul/RS**

Monografia aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Geografia no Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela seguinte banca examinadora.

---

Prof<sup>a</sup>. Rosa Maria Viera Medeiros  
DG – UFRGS  
Orientadora

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Luis Fernando Mazzini Fontoura  
DG – UFRGS

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Laurindo Antonio Guasselli  
DG – UFRGS

PORTO ALEGRE  
2013

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Bernadete, por sempre ter me estimulado para que eu estudasse e por ter me criado, apesar de todas as dificuldades. À minha primeira professora, Elizabete, que me alfabetizou e me mostrou o quão importante é ler e aprender com muita vontade.

Aos colegas de geografia, Cristiane, Maximiliano, Jenifer, Andréa, Mariluci, Douglas, entre outros, que estiveram ao meu lado desde o início do curso e foram excelentes companhias.

À equipe do Núcleo de Estudos Agrários (NEAG), conduzida pela minha orientadora Rosa Maria Vieira Medeiros e composta por Michele Lindner, Cícero Castelo Branco Filho, Ana Paula, Aline Hentz, Elmer de Matos, Daniela Rocha e demais componentes, o meu muito obrigado pelas excelentes horas de descontração nos cafés à tarde e de trabalho de campo nos assentamentos.

Pode-se afirmar que, durante o tempo de pesquisa da bolsa que originou a presente monografia, muito se conheceu sobre os assentamentos da Região Metropolitana de Porto Alegre e, mais especificamente do Assentamento Integração Gaúcha; a ajuda dos técnicos da COPTEC foi de grande relevância para que houvesse a aplicação das entrevistas com os assentados produtores do arroz orgânico. Tiveram uma grande participação nisso os técnicos Pascal e Leandro Menegon, além do geógrafo e assentado Leandro Fagundes e do agente ambiental Edson Cadore.

Agradeço finalmente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo ensino público, gratuito e de qualidade, além da moradia na Casa do Estudante (CEU). Além disso, é importante destacar o apoio financeiro do Programa de Iniciação Científica da Pró-Reitoria de Pesquisa (BIC - PROPESQ), responsável pela bolsa desse estudante que agora está acabando o seu curso.

## RESUMO

Os agricultores oriundos e integrantes do Movimento dos Sem-Terra (MST) instalados no Assentamento Integração Gaúcha, localizado no município metropolitano de Eldorado do Sul, estão, a partir de 2000, utilizando técnicas orgânicas na produção do arroz. Assim, a cadeia produtiva projetada por eles, visto sob o enfoque territorial, configura-se como um importante objeto de pesquisa por demonstrar a viabilidade de uma produção agroecológica em larga escala. Embora represente 2% da produção orizícola do Rio Grande do Sul nos últimos anos envolve múltiplos atores que ocupam áreas de grande extensão, superiores aos mil hectares que rompem com a noção de que a agroecologia é viável apenas em pequenas áreas. Os agricultores contribuem de forma direta no processo de tomada de decisões da produção orgânica do arroz, uma vez que pertencem à Cooperativa dos Trabalhadores Assentados na Região de Porto Alegre (COOTAP). Participam de todas as etapas do processo produtivo, ampliando assim a sua rede de relações com atores públicos e privados para negociar investimentos e ampliar o mercado para o arroz que produzem.

**Palavras - chave:** Cadeia produtiva. Arroz orgânico. Agroecologia. Assentamentos.

## ABSTRACT

Farmers and members from the Movement of the Landless (MST) installed on Settlement Integration Gaucho, located in the metropolitan municipality of Eldorado do Sul, are from 2000, using organic techniques in rice production. Thus, the supply chain designed by them, as a territorial approach, appears as an important subject of research by demonstrating the feasibility of a large-scale agroecological production. Although it accounts for 2% of rice production in Rio Grande do Sul in recent years involves multiple actors that occupy large areas of extension, above the acres that break with the notion that agroecology is feasible only in small areas. Farmers contribute directly in the decision-making process of organic rice production, since they belong to the Cooperative Workers Settlers in the Region of Porto Alegre (COOTAP). Participate in all stages of the production process, thus expanding its network of relationships with public and private actors to negotiate investments and expand the market for the rice they produce.

**Key Words:** Production chain. Organic rice. Agroecology. Settlements.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

<b>Figura 1 – Mapa de localização do assentamento em Eldorado do Sul. ....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 2 – Vegetação alta na beira da estrada, no lado do arroz.orgânico .....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 3 – Saco de sementes do arroz pré-germinado sendo mostrado por um assentado do Integração Gaúcha Área de arroz orgânico pré-germinado no assentamento Integração Gaúcha .....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 4 – Arroz orgânico da COOPAN à venda em feira de Porto Alegre. ....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 5 – Mapa de localização do assentamento na RMPA.....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 6 – Imagem dos canais que trazem a água do rio Jacuí para as plantações de arroz do assentamento .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 7 – Imagem da área de arroz orgânico pré-germinado no assentamento Integração Gaúcha .....</b>	<b>22</b>



**LISTA DE TABELAS:**

**Tabela 1 – Perfil dos entrevistados da pesquisa do assentamento Integração  
Gaúcha - Eldorado do Sul/RS.....24**

## **SIGLAS UTILIZADAS**

- CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento.
- COPTec – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos.
- COPAEL – Cooperativa dos Assentados de Eldorado do Sul.
- COOPAN – Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita.
- COOTAP – Cooperativa dos Trabalhadores Assentados na Região de Porto Alegre.
- EMATER – Empresa Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.
- GG – Grupo Gestor.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IMO Control – Instituto do Mercado Orgânico.
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
- IRGA – Instituto Riograndense do Arroz.
- MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
- NEAG – Núcleo de Estudos Agrários em Geografia/UFRGS.
- PAA – Programa de Aquisição de Alimentos.
- PNAPO – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.
- RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre.
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

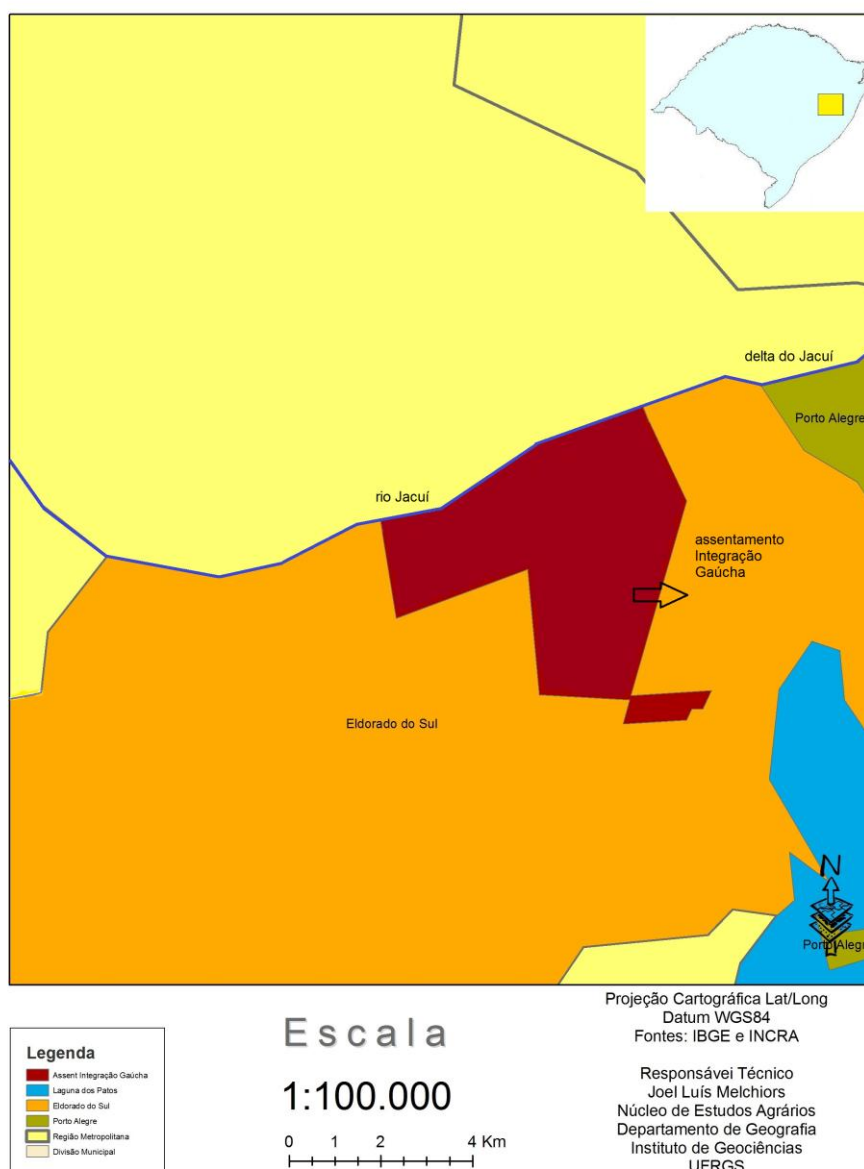
## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 As atuais condições do assentamento Integração Gaúcha e os novos paradigmas na produção orgânica do arroz.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A opção pela produção ecológica dos assentados do Integração Gaúcha nos anos 2000: uma nova realidade para solucionar antigos problemas.....</b>	<b>19</b>
<b>4 Histórias de vida e os assentados produtores de arroz orgânico no assentamento Integração Gaúcha .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>26</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>
<b>7 APÊNDICE.....</b>	<b>30</b>
<b>8 ANEXOS .....</b>	<b>34</b>

## 1 Introdução

O assentamento Integração Gaúcha, localizado no município de Eldorado do Sul, pertencente à Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) foi criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 1992 e é um dos mais antigos assentamentos da RMPA. Sua área é de aproximadamente 1.997 hectares e ele conta atualmente com cerca de 76 famílias assentadas

Mapa da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS e o Assentamento de Estudo



**Figura 1 – Mapa de localização do assentamento em Eldorado do Sul.**

Fonte: IBGE, INCRA,,2012.

A área nordeste do assentamento Integração Gaúcha (onde se registra a presença de várzeas) é banhada pelo rio Jacuí no seu baixo curso, próximo a desembocadura deste com o lago Guaíba na região denominada de delta do Jacuí, Também desembocam no delta do Jacuí outros rios importantes, como o rio dos Sinos e o rio Gravataí.

O regime hídrico local apresenta períodos curtos de estiagem no verão, que pouco afetam a exploração agrícola, visto que o rio Jacuí apresenta um volume de água que suporta a produção de arroz irrigada, tanto do convencional quanto do orgânico. No caso da produção do arroz orgânico o uso da técnica da semente pré-germinada utiliza água em maior quantidade, visto que o controle das pragas se faz com o aumento ou a redução do nível da água na lavoura.

Segundo a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos – COPTec (2012), desenvolve-se no assentamento também a criação de gado bovino para leite, horticultura orgânica além da lavoura de arroz irrigado (tanto do orgânico quanto do convencional). A área média do lote é de 18,2 hectares para cada família.

Atualmente, de acordo com o INCRA (2012), a capacidade máxima no assentamento é de 80 famílias. No entanto são 76 famílias assentadas, das quais onze famílias são associadas à Cooperativa dos Trabalhadores Assentados na Região de Porto Alegre (COOTAP), para produção de arroz orgânico.

O presente trabalho de conclusão de curso é o resultado de um ano e meio de pesquisas do graduando, juntamente com os seus colegas de laboratório, no assentamento Integração Gaúcha em Eldorado do Sul, mais conhecido como assentamento do IRGA (Instituto Riograndense do Arroz).

O trabalho aqui descrito foi baseado numa pesquisa maior, financiada pela CAPES/CNPQ. Foram feitas diversas saídas de campo, nas quais foi realizado o levantamento de dados importantes para responder a questões como: se a qualidade de vida dos assentados melhorou ou piorou antes e depois da escolha pela produção do arroz orgânico; se a rentabilidade financeira dos assentados é maior ou menor no momento atual; e qual a percepção desses agricultores sobre essa mudança de opção nas suas vidas.

Essa experiência inovadora resultou na elaboração de um produto diferenciado – o arroz orgânico – que não só possibilitou uma relação diferenciada com o ambiente local, como também uma nova forma de organização comunitária

dos agricultores assentados. Estes vêm se organizando na COOTAP, realizando um planejamento contínuo de crescimento, que é pensado e executado através de reuniões do Grupo Gestor (GG) do Arroz – que é responsável pela estruturação da produção deste produto e pela definição (ou redefinição de rumos) do processo produtivo, contando com a participação e intervenção dos assentados que o compõe.

Foram várias as saídas de campo que ocorreram sob as mais diversas e atípicas situações, desde o X Seminário do Arroz Ecológico ocorrido em agosto de 2011, primeira atividade desenvolvida pelo estudante como bolsista no âmbito da pesquisa até as atividades mais recentes, como o acompanhamento da visita da professora francesa Jeannine Corbonnois, da Universidade do Maine, ao Integração Gaúcha, ocorrido em setembro de 2012. A professora participa do Programa CAPES-COFECUB de interação e intercâmbio entre as universidades do Brasil e da França, do qual alguns professores do Departamento de Geografia da UFRGS também participam.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, fala-se sobre as atuais condições do assentamento Integração Gaúcha e os novos paradigmas da produção orgânica de arroz, no que tange ao avanço da produção orgânica sobre a produção convencional.

No segundo capítulo serão vistos os novos desafios da produção orgânica do arroz no assentamento, no que refere à primeira década do século atual e será tratado também o tripé economia solidária, cooperativismo e agroecologia.

No terceiro e último capítulo, falaremos sobre como aconteceu o processo de formação do assentamento e algumas das histórias de vida contadas pelos agricultores entrevistados.

Por fim, é buscado um entendimento das relações dos sujeitos estudados (os assentados) com o mercado consumidor, local ou até nacional, e a comunidade que está inserida na cadeia produtiva do arroz para mostrar se tais relações afetam as suas condições de vida e, caso venham a afetar, como elas ocorrem.

## **2 As atuais condições do assentamento Integração Gaúcha e os novos paradigmas da produção orgânica do arroz.**

O Rio Grande do Sul é atualmente o maior produtor de arroz fora do continente asiático e o potencial de crescimento de mercado para o arroz denominado orgânico/ecológico é significativo dentro desse contexto.

Com a ocorrência da expansão da área de cultivo do arroz orgânico nos assentamentos da RMPA (considerada atualmente como a maior área de cultivo desse tipo da América do Sul), ocorre também um número maior de famílias assentadas na produção. Associado a isso, é possível afirmar que está havendo uma redução dos impactos ambientais decorrentes do cultivo do arroz irrigado. Também estão sendo implantadas novas políticas públicas direcionadas a este cultivo (tanto vindas do governo federal quanto do governo estadual).

A maioria dos assentados entrevistados viveu o período de transição do plantio convencional para o orgânico e cita a gravidade dos impactos que ocorriam no meio ambiente local à época do plantio do arroz. Segundo eles, o que mais os assustava eram as doenças que podiam ser provocadas na população pela utilização dos agrotóxicos nas áreas de várzeas.

Percebe-se o crescimento da vegetação nativa junto à produção orgânica, diferentemente do que ocorre junto ao entorno do plantio convencional, o qual é marcado pela presença da aplicação de herbicidas.



**Figura 2 – Imagem da vegetação na beira da estrada, no lado do arroz orgânico.**

Fonte: Acervo NEAG/UFRGS, 2011.



**Figura 3 – Imagem do saco de sementes do arroz pré-germinado sendo mostrado por um assentado do Integração Gaúcha**

Fonte: Acervo NEAG/UFRGS, 2012.

Ressalta-se, no entanto, que ainda há no assentamento Integração Gaúcha o plantio do arroz convencional. É perceptível a diferença desses cultivos na paisagem, embora separadas pela estrada na área da várzea do rio Jacuí. Na produção do arroz orgânico a vegetação natural cresce na beira da estrada, como se pode ver na foto abaixo, uma vez que não são utilizados nenhum tipo de herbicida com o objetivo de secar aquilo que não seja arroz.

Embora ainda ocorra no assentamento o cultivo do arroz convencional, atualmente este vem perdendo espaço e gerando conflitos com os produtores de arroz orgânico. Percebe-se, entre os produtores convencionais, uma forte resistência em relação às mudanças implantadas pelos assentados cooperados que procuram produzir sem agredir tanto o meio ambiente como eles.

Para que se possa entender com mais clareza o tamanho das dificuldades enfrentadas até o atual momento pelos assentados produtores do arroz orgânico e o porquê da sua não-desistência da opção pelo mesmo, serão abordados e explicados três conceitos chave: a agroecologia, a economia solidária e o cooperativismo.

Concordando com Saquet (2008, p.143) quando ele afirma que a agroecologia é:



A prática de uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, que promove a inclusão social, proporciona melhores condições econômicas para os agricultores, aliada à segurança alimentar dos próprios agricultores e consumidores em geral...há oferta de alimentos ecológicos praticamente isentos de resíduos químicos...além de outras substâncias como hormônios ou até mesmo organismos geneticamente modificados.

Segundo Saquet, no Brasil 85% dos produtores que praticam agroecologia têm pequenas propriedades, o que contrasta com o exemplo da Austrália, país com as maiores áreas por produtor quanto à agroecologia. Ainda segundo este autor, no contexto latino americano “A exceção entre os países é o Brasil, onde o governo tem direcionado incentivos à produção orgânica, à pesquisa, à formação de associações e de mercado e à geração de emprego” (2008, p. 138).

São exemplos desta prática incentivos como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Esta última surgiu a partir de decreto no ano de 2012 e visa estimular e regulamentar o mercado dos produtos orgânicos no Brasil.

Através do Programa de Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) os assentados conseguem assegurar a venda da maior parte da sua produção para o governo federal. Os alimentos são distribuídos na merenda escolar das escolas públicas e em cestas básicas para cidades em situação de emergência.

Outro fato importante foi a institucionalização da PNAPO, que deixou de ser uma mera política de governo para se tornar uma política de Estado, portanto os assentados podem ter mais confiança agora, pois têm a certeza de que nas horas difíceis terão a sua produção comprada em parte pelo poder público federal via PAA E PNAPO.

Quanto ao segundo conceito, a economia solidária, entende-se que ela é, para Pinto (2006, p. 27) “[...]um elemento integrador entre as atividades econômicas associativas e a emergência do papel dos trabalhadores cooperados nas ações de venda e comércio com o mercado”.

Assim sendo, vê-se que o arroz orgânico (ou ecológico, como é chamado pelos assentados) também é vendido em diversas feiras, principalmente em Porto Alegre. O preço pelo qual ele é comercializado diretamente ao consumidor ainda está um pouco acima do preço do arroz convencional, mas vê-se que há uma significativa procura pelo produto nos dias de feira por um consumidor que se

considera mais preocupado com uma alimentação sadia e com o desenvolvimento sustentável.



**Figura 4 – Imagem do arroz orgânico da COOPAN à venda em feira de Porto Alegre.**

Fonte: Acervo NEAG/UFRGS, 2012.

Com isso foi eliminada a participação do atravessador e o próprio produtor assegura sua presença nas feiras, o que a economia solidária denomina de política do preço justo. Percebe-se então que Pinto (2006, p. 152), vem ao encontro desta ideia, ao defender que [...] a perspectiva de benefícios compartilhados tem implicações sobre a divisão do trabalho, no que se refere ao processo de gestão e de produção, atuando no sentido de aproximá-los.

Assim sendo, vê-se que o trabalhador, além de ser cooperativado, deixa por completo a condição de trabalhador assalariado, partindo da condição de que trabalha para si e para os seus colegas/companheiros de trabalho, cabendo a todos o planejamento e o estabelecimento de metas na sua produção (papel este desempenhado pelo Grupo Gestor do Arroz - GG - dentro do assentamento Integração Gaúcha).

Segundo a COPTec (2012, p. s/n), o cooperativismo pode ser entendido como um “Método de ação pelo qual indivíduos com interesses comuns constituem

um empreendimento. Neste, os direitos de todos são iguais e o resultado alcançado é repartido somente entre os integrantes [...], portanto pôde-se perceber que os assentados entrevistados sentem-se pertencentes à cooperativa da qual participam – a COOTAP - pois além de associados também são integrantes ativos.

Nas atividades realizadas em grupo, como os Seminários do Arroz Ecológico realizados periodicamente, é perceptível a participação direta dos trabalhadores que expõem suas angústias e seus problemas aos colegas de cooperativa e às lideranças do movimento.

É de grande importância na orientação dos agricultores assentados o papel dos técnicos agrícolas, que já estão acostumados à rotina dos trabalhadores e ao ritmo da produção. Os eventos, tanto os seminários como as Aberturas de Colheita do Arroz Ecológico, são organizados pelo GG do Arroz Ecológico.

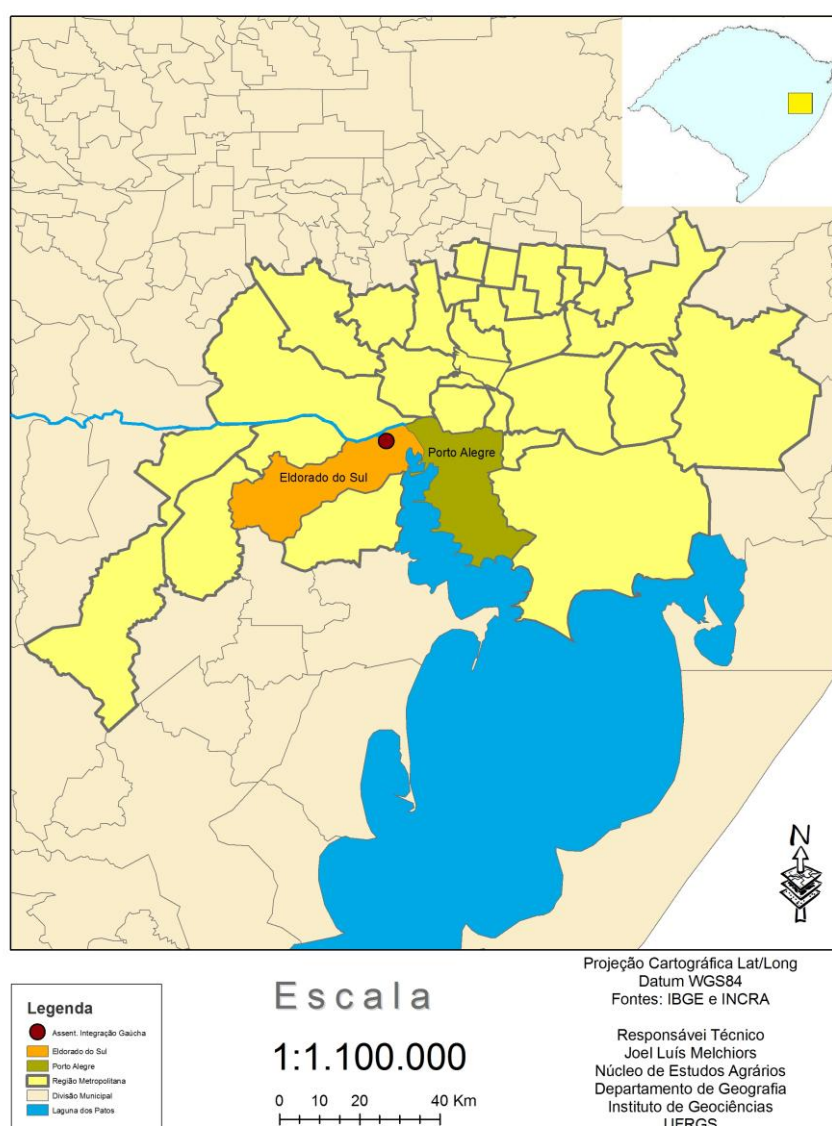
Há ainda no assentamento mais dois grupos gestores: o GG das hortas (produtos hortigranjeiros em geral) e o GG do leite (leite sem beneficiamento, nem agroindústria). Os assentados podem participar de mais de um grupo gestor e muitos deles o fazem para garantir diferentes fontes de renda durante o ano.

Muito já foi conquistado pelos trabalhadores do assentamento Integração Gaúcha desde a sua instalação, há mais de vinte anos. Isso só foi possível, segundo um assentado entrevistado: *“pelos erros cometidos no começo do Integração Gaúcha, quando poucos queriam trabalhar juntos e muitos logo desistiram de trabalhar assim”*.

### 3 A opção pela produção ecológica dos assentados do Integração Gaúcha nos anos 2000: uma nova realidade para solucionar antigos problemas.

A produção orgânica do arroz que ocorre na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) é analisada por diversos autores como Menegon; Fagundes; Ribeiro e Cadore (2009), Porto (2012), Luis (2012), entre outros.

#### Mapa da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS e o Assentamento de Estudo



**Figura 5 – Mapa de localização do assentamento Integração Gaúcha na RMPA.**

Fonte: IBGE, INCRA, 2012.

Considerando-se como um breve histórico da distribuição de terras na RMPA, Miguel e Grando (2002, p. 106) afirmam que o município de Eldorado do Sul é o segundo maior produtor de arroz da RMPA, atrás apenas do município de Viamão. Devido a tal importância vê-se que o fato do assentamento objeto de estudo localizado na RMPA não ocorre por acaso, visto o seu potencial para a produção de arroz.

Diel (2009, p. 11) afirma que:

Sendo a produção agrícola dependente dos recursos naturais, o manejo sustentável da água a partir desta, é determinado diretamente pela necessidade de preservação deste recurso. Este manejo deve estar submetido ao manejo do agroecossistema como um todo. Desta forma a gestão de água deve fazer parte da gestão do agroecossistema, considerando seu uso múltiplo e suas funções naturais, o que confere considerações na quantidade e na qualidade, em busca da sustentabilidade do sistema produtivo.

Ao trazer à tona a importância do manejo e da utilização da água, recurso hídrico vital para a gestão de um agroecossistema como o arroz, o autor levanta a ideia de que a sustentabilidade e a responsabilidade no seu uso devem ser levadas a sério, seja pelos produtores que plantam o orgânico, seja pelos produtores que plantam o convencional.

Apesar da prioridade do uso da água ser garantida por lei para o uso humano (abastecimento), não se deve deixar de considerar a importância da agricultura, pois sem ela não há como produzir alimentos para a população. Pode-se observar no assentamento em estudo que os canais de escoamento final da água utilizada, tanto na produção orgânica como na convencional, não são os mesmos, o que possibilita estabelecer diferenças em relação à qualidade da água que retorna ao rio.



**Figura 6 – Imagem dos canais que trazem a água do rio Jacuí para as plantações de arroz do assentamento.**

Fonte: Acervo NEAG/UFRGS, 2011.

Medeiros e Laurent (2008, p.112), destacam que:

A agricultura orgânica prega, também, a rotação de culturas e mantém a biodiversidade dos espaços naturais no seio da paisagem agrícola. Essas unidades constituem os habitats favoráveis à fauna auxiliar, o que, por sua vez, reduz a invasão de parasitas.

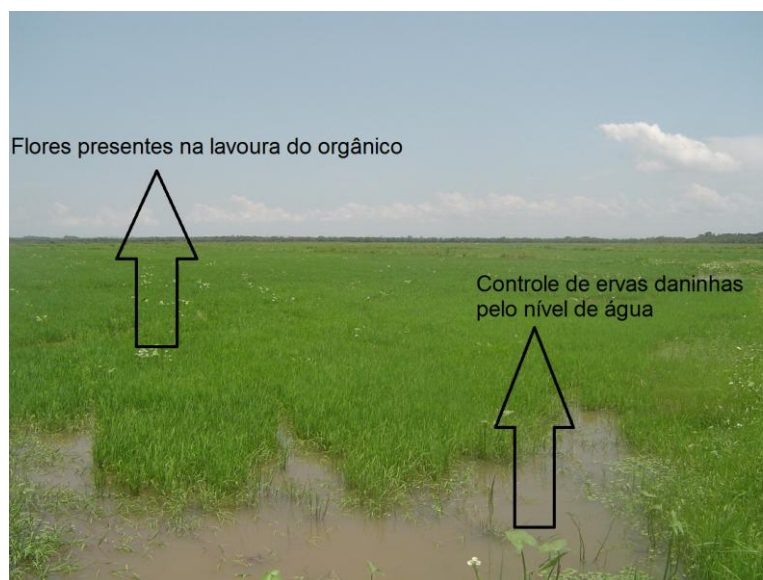
Assim sendo, o controle das pragas que antes era realizado por herbicidas pelos agricultores, hoje é em grande parte efetuado pela própria fauna (seja por répteis ou aves) e pelo controle do nível da água nas lavouras do arroz orgânico. Eles também elaboram em casa os biofertilizantes, que não agredem o meio ambiente e preservam a saúde dos próprios assentados e das suas famílias.

Quanto à produção, há no assentamento Integração Gaúcha aproximadamente 1.065 hectares para o cultivo de arroz irrigado, tanto de arroz orgânico como de arroz convencional.

O principal cliente da COOTAP atualmente é o governo federal, que compra cerca de 70% da produção. O governo destina o arroz comprado para a composição da merenda escolar. Para se ter uma ideia, em uma década a área envolvida na produção do arroz ecológico passou de 2 hectares em 2 assentamentos para mais de 2.500 hectares em 11 assentamentos e o número de famílias envolvidas passou de uma dezena para cerca de 300.

Ter uma política nacional garantida por lei é, sem dúvida, uma grande segurança para os trabalhadores cooperativados na Cooperativa dos

Trabalhadores Assentados na Região de Porto Alegre (COOTAP), que podem agora respirar mais aliviados quanto à dependência de 70% da sua produção, atrelada ao Governo Federal.



**Figura 7 – Imagem da área de arroz orgânico pré-germinado no assentamento Integração Gaúcha**

Fonte: Acervo NEAG/UFRGS, 2012.

Quanto à questão da opção pelo plantio do arroz, que foi aprendida com os produtores chamados de “catarinas”<sup>1</sup> vê-se que essa foi a melhor estratégia adotada pelos assentados, pois as áreas de várzea do rio Jacuí são muito aptas ao cultivo do arroz.

Filippi (2005, p. 82) afirma que: “[...] o ‘esvaziamento’ humano do meio rural brasileiro deve-se não somente à maior oferta de trabalho em atividades urbanas mas também ao aumento de tecnologias poupadoras de mão-de-obra nas atividades agrícolas”. Porém esse processo de esvaziamento humano não ocorreu no assentamento, graças à consciência ecológica da orizicultura orgânica.

A partir do início dos anos 2000 é que começou a acontecer a mudança do plantio do arroz convencional para o arroz orgânico no assentamento Integração Gaúcha. Esse fato também aconteceu em outros assentamentos da região, como o

<sup>1</sup> A expressão “catarina” é usada pelos assentados para chamar aqueles produtores vizinhos ao assentamento que produzem o arroz convencional, adotando a prática do plantio pré-germinado de sementes, que eles também utilizam, embora sem a aplicação de agrotóxicos (como o “secante”) nocivos ao meio ambiente e à saúde humana.

assentamento Capela em Nova Santa Rita, e o assentamento Filhos de Sepé em Viamão.

Esse tipo de opção pela produção de arroz orgânico tem como característica um maior tempo de dedicação, pois o trabalho é intenso, atento, com observação e acompanhamento diário do processo produtivo do arroz orgânico.

Concordamos então com Raffestin (2011, p. 132) quando afirma que [...]as pessoas são as representações do território que é vivido por elas e que elas podem transformar este território em algo que gera tensões e conflitos, ou seja, o próprio território vivido (neste caso, os assentamentos da RMPA, mais especificamente o Integração Gaúcha) e as relações que ocorrem entre eles e com a sociedade. Tais relações nem sempre serão conflituosas, mas estarão sujeitas à instabilidades entre os atores sociais envolvidos.

Complementando tal afirmação, Campos e Medeiros (2011, p.12) evidenciam essa situação ao dizer que:

[...] em um assentamento em que as famílias que plantam convencional e outras que participam da cadeia há conflitos entre as próprias famílias assentadas. Nos assentamentos em que todas as famílias participam da cadeia o conflito é com os plantadores das áreas vizinhas – arrendatários, os catarinas.

Por essas razões têm-se verificado que o INCRA (2012) tem sugerido aos novos assentados a opção pela produção orgânica de alimentos. Como nova alternativa de produção, que já pode servir de modelo de produção sustentável com um bom retorno financeiro para os novos assentados no Rio Grande do Sul e no Brasil.



#### 4 Histórias de vida e os assentados produtores do arroz orgânico no assentamento Integração gaúcha.

No período em que este graduando atuou como bolsista de iniciação científica, foram realizadas 15 entrevistas - treze delas com assentados(as) e duas com os técnicos da COPTec, que atuam no Assentamento Integração Gaúcha, como pode-se ver na tabela a seguir.

**Tabela 1 – Perfil dos entrevistados do assentamento Integração Gaúcha – Eldorado do Sul/RS**

<b>Entrevistados</b>	<b>Número</b>
Assentados	13
Técnicos Agrícolas da COOPTec	2
<b>Total de entrevistados</b>	<b>15</b>

Fonte: Trabalho de campo, 2011/2012.

O questionário foi composto a partir de uma série de treze perguntas semi-estruturadas, com um espaço livre ao final para que os entrevistados pudessem manifestar-se espontaneamente. Com isso, foi possível entender de que maneira este método produtivo (do arroz ecológico) acarreta (ou não) consequências ao ambiente local e a conjuntura socioeconômica destas famílias de agricultores.

Além disso, a pesquisa de dados ocorreu também na esfera virtual pois foram consultados arquivos disponíveis online em sites de instituições de assistência técnica (como a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos – COPTec) e de órgãos públicos (INCRA e IBGE).

Grande parte dos produtores entrevistados relatou ser de origem rural, tendo como terra natal municípios do Norte e do Noroeste do Rio Grande do Sul e explicaram que vieram parar em Eldorado do Sul através da participação em marchas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Tais marchas ocorreram, segundo eles, na segunda metade da década de 1980 e foi através dessas manifestações que conseguiram garantir o acesso aos lotes do assentamento no início dos anos 1990, data de criação do assentamento pelo governo do estado do Rio Grande do Sul.

No início, a grande dificuldade enfrentada por eles foi o processo de adaptação à nova terra, pois tentaram plantar milho e feijão, culturas a que estavam acostumados a lidar em suas terras de origem, mas não obtiveram êxito. Pensaram

melhor e viram que a cultura potencial do assentamento era mesmo a do arroz. Assim sendo, começaram a plantar o mesmo na segunda metade da década de 1990.

Os assentados do Assentamento Integração Gaúcha passaram, nos anos seguintes, por amargas experiências com o arroz devido aos períodos de seca e de estagnação econômica que se sucederam. A cooperativa criada à época, a Cooperativa dos Assentados de Eldorado do Sul (COOPAEL) faliu pouco tempo depois.

A solução encontrada por eles no início do novo milênio foi trabalhar cooperativados, mas com um planejamento maior que expressou na figura do Grupo Gestor (GG), criado com o objetivo de descentralizar as responsabilidades, tanto que cada GG se tornou responsável por determinada atividade do assentamento.

Assim sendo, concordamos com Silva (2004, p. 133) quando ele diz que:

A organização da produção do assentamento Integração Gaúcha exemplifica as contradições que elaboraram a síntese produtiva do MST. As dificuldades de adaptação cultural e econômica da região determinaram ao Assentamento Integração Gaúcha um alto nível de cooperação agrícola. O assentamento foi um dos pioneiros na estratégia de produção agroecológica no movimento, o que possibilitou elevar a geração de renda dos assentamentos.

As experiências vividas pelos assentados do assentamento Integração Gaúcha, de Eldorado do Sul, bem como pelos assentados do Assentamento Capela, em Nova Santa Rita e do Assentamento Filhos de Sepé, em Viamão, foram de fundamental relevância para o atual avanço da agroecologia nestes e em vários outros assentamentos da RMPA. Sem dúvida, contribuíram para o reconhecimento e valorização da atividade e dos assentados por uma importante parcela da sociedade.

## 6 Conclusões

Através da percepção das respostas coletadas nas entrevistas, pôde-se analisar, em parte, como estão ocorrendo os impactos socioespaciais no que tange aos assentados. Tais resultados vêm demonstrar as relações deles com as demais pessoas e com o meio ambiente bem como o impacto local ou regional da cadeia produtiva do arroz ecológico como um todo.

Do mês de agosto do ano passado até o presente momento, com a realização de 15 entrevistas concluiu-se até o momento que a percepção social e ambiental dos produtores do arroz orgânico do Assentamento Integração Gaúcha é profunda – eles se dizem mais felizes e melhor remunerados agora do que antes, além de que agora podem levar seus filhos e netos desde cedo para a lavoura, fato que não era possível de se efetivar anteriormente em razão do uso de agrotóxicos. Os técnicos, por sua vez, revelaram que há pouca vida selvagem na área de plantio do arroz convencional (tanto da flora como da fauna) em comparação com a área de plantio do arroz orgânico e que os agricultores assentados estão tendo uma vida mais saudável e com menos doenças.

Para finalizar, o fato de existir em Eldorado do Sul uma estrutura de comercialização, de assistência técnica (COOPTEC, na maioria dos assentamentos, e EMATER), de serviços (agências bancárias, escolas e postos de saúde), de atividades culturais (festas religiosas, salões de bailes) contribui muito para que os assentados não desistam de seus lotes, mesmo aqueles que não estão inseridos na produção agroecológica.

Outro fator importante para a não-desistência é a proximidade do assentamento com Porto Alegre, maior mercado consumidor do estado do Rio Grande do Sul, o que facilita as vendas dos produtos gerados no assentamento de maneira rápida e com um bom retorno financeiro para quem os vende.

Pode-se constatar que o conjunto da utilização de práticas agroecológicas com o cooperativismo é que está dando um bom retorno aos assentados e às pessoas que se relacionam com eles, ocorrendo assim o entrelaçamento de uma cadeia produtiva onde as grandes indústrias estão fora do processo e os protagonistas são os próprios assentados produtores do arroz orgânico.

Assim sendo, pode-se entender que a transição do plantio do arroz convencional para o arroz orgânico alterou de forma significativa o modo de vida e as interações entre os assentados envolvidos, com as comunidades do seu entorno e com o meio ambiente onde produzem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F; CORRIJO, B. R; CANDIOTTO, L. Z. P. **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.254p.

CAMPOS, C. S. S. C.; MEDEIROS, R. M. V. **Análise da cadeia produtiva do arroz ecológico nos assentamentos da região metropolitana de Porto Alegre**. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 6., 2011, Presidente Prudente. Anais... . Presidente Prudente: UNESP, 2011. p. 1 - 14. Disponível em: <[http://www4.fct.unesp.br/encontros/engrup/Trabalhos/TEXTOS-MESAS-PUBLICACAO/NEAG\\_Christiane\\_Aroz\\_Ecologico.pdf](http://www4.fct.unesp.br/encontros/engrup/Trabalhos/TEXTOS-MESAS-PUBLICACAO/NEAG_Christiane_Aroz_Ecologico.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2013.

BERNSTEIN, H. **Dinâmicas de classe da mudança agrária**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.171 p.

Casa Civil da Presidência da República. **Decreto Nº 7.794 , de 20 de agosto de 2012, que institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Brasília.Disponível em:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2012014/2012/decreto/d7794.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2012014/2012/decreto/d7794.htm). Acesso em: 25, novembro, 2012.

COOPERATIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS LTDA (COOPTEC). **Características ambientais do projeto de assentamento Integração Gaúcha – Eldorado do Sul/RS**: documento para confecção de plano de recuperação de assentamento (PRA). Disponível em: <<http://www.cooptec.org.br>>. Acesso em: 13 nov. 2012. 26 p.

DIEL, R. **Gestão de água em assentamento de reforma agrária a partir do cultivo de arroz irrigado**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. 49 p.

FILIPPI, E. E. **Reforma agrária**: experiências internacionais de reordenamento agrário e a evolução da questão da terra no Brasil. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.144 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Página inicial**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 8 out. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: 19 out. 2012.

LUIS, A. L. G. **Agroecologia e desenvolvimento de assentamentos de Porto Alegre**: ação coletiva e sistemas locais de conhecimento e inovação na Região Metropolitana de Porto Alegre. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MEDEIROS, R. M. V.; LAURENT, F. As redes de agricultores em favor do meio ambiente na França. In: MARAFON, G. J.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais**. Uberlândia: Assis Editora, 2008. 352 p.

MENEGON, L.; FAGUNDES, L.; RIBEIRO, O.; CADORE, Edson. **Produção de arroz agroecológico em assentamentos de reforma agrária no entorno de Porto Alegre**. Revista Brasileira de Agroecologia, Nov/2009, v. 4, nº 2.

MIGUEL, L. A. ; GRANDO, M. Z (Org.). **Agricultura na Região Metropolitana de Porto Alegre**: aspectos rurais e contemporâneos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.157 p.

PINTO, J. R. L. **Economia solidária**: de volta à arte da associação. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.196 p.

PORTO, R. G. **Processo de identificação em comunidades da agricultura familiar**: da linguagem verbal à visual. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. 134 p.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Khedir, 2011.242 p.

SILVA, E. N. da. **Formação e ideário do MST**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004. 143 p.

## 7. APÉNDICE

**APÊNDICE A – Modelo de questionário aplicado para os assentados produtores do arroz orgânico e os técnicos do assentamento Integração Gaúcha – Eldorado do Sul/RS.**

Famílias do Assentamento Integração Gaúcha – Município de Eldorado do Sul

Roteiro da entrevista

**Dados pessoais:**

Nome:

---

Idade: \_\_\_\_\_. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

1. Está há quanto tempo no assentamento:

---

2. Onde vivia antes de vir para este assentamento: (se veio de acampamento anotar onde vivia antes do acampamento também).

---

---

3. Em que trabalhava antes.

---

---

---

4. O que motivou sua vinda para este assentamento.

---

---

---

---

**Questões sobre a produção do arroz orgânico**

5. Você já tinha experiência de trabalho com agricultura orgânica. Se sim, relatar.

---

---

---

---



6. Como se inseriu nesta produção do arroz orgânico.

---

---

---

---

7. Antes de plantar o orgânico em seu lote foi plantado o arroz convencional? Se sim, como a pessoa ou família participava da produção convencional.

---

---

---

---

8. Pensando no seu lote e na forma como você e sua família se inseriram na produção que diferenças você mais percebeu entre a produção do arroz orgânico e do convencional.

---

---

---

---

---

9. Pensando agora no conjunto do assentamento, que diferenças vocês perceberam depois da produção orgânica:

---

---

---

---

---

10. Se a pessoa não falou nada no aspecto ambiental, perguntar se percebeu alguma mudança no meio ambiente do lote e no conjunto do assentamento. Que mudanças:

---

---

---

---

11. Participar da produção orgânica mudou alguma coisa na sua forma de pensar e de viver? Se sim, que mudanças.

---

---

---

---

12. Você possui outras formas de produção além do arroz? Se sim, descrever quais e questionar se produz de forma agroecológica também.

---

---

---

---

---

---

---

13. Outras informações relevantes:

---

---

---

---

## **8. ANEXOS**

**ANEXO A – Embalagens do arroz ecológico produzido na RMPA**

Fonte: site da COOPTEC.  
([www.cooptec.org.br](http://www.cooptec.org.br))

**ANEXO B – Selo da Certificadora IMO**

Fonte: site da COOPTEC  
([www.coptec.org.br](http://www.coptec.org.br))

## ANEXO C – Selo de Produto Orgânico



Fonte: site da COOPTEC  
([www.coptec.org.br](http://www.coptec.org.br))